

ESTUDO DOS GÊNEROS TEXTUAIS NO CONTO DA CHAPEUZINHO VERMELHO

Mariângela Gomes de Assis- Universidade Estadual da Paraíba UEPB

mariangelag.assis@hotmail.com

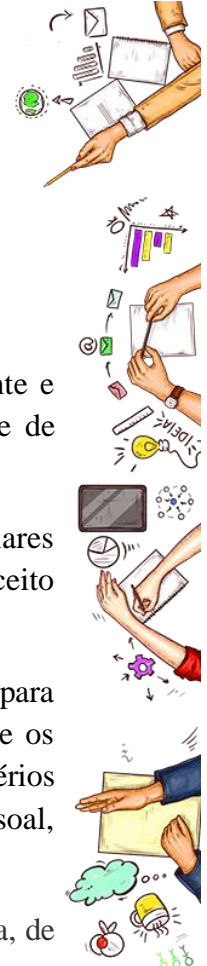
Elisângela Justino- Universidade Estadual da Paraíba UEPB

anginhaluz2009@hotmail.com

Resumo:

Este trabalho é um relato da experiência de ensino e aprendizagem em linguagem oral e escrita desenvolvida com alunos do primeiro ciclo do ensino fundamental, turma do 3ºano, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Felipe Tiago Gomes, Picui-Pb. Por mim Mariângela Gomes de Assis, professora alfabetizadora em formação no PNAIC, Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa. A experiência aconteceu a partir do Conto: Chapeuzinho Vermelho. Ensinar através dos gêneros textuais é deixar para segundo plano o ensino da variedade padrão e passar a priorizar o texto como ponto de partida do trabalho do professor, para que seus alunos tenham a oportunidade de lidar com a língua em seus mais variados e amplos usos no dia a dia, se faz necessário o trabalho com textos que fazem parte do cotidiano dos alunos. Nossa prática docente efetivou-se na própria escola com integração da literatura, conto, músicas, aula prática, com enfoque na sequência didática, em perspectiva interdisciplinar, a qual prioriza o conhecimento global, superando, dessa maneira, a fragmentação dos saberes da prática docente deixando as regras gramaticais. Nosso objetivo com o relato é destacar o compromisso do PNAIC com a alfabetização das crianças de até 08 (oito) anos de idade (no terceiro ano do ensino fundamental), visando à formação cidadã dos alunos/crianças e uma formação que garanta ao docente segurança no que ensinar, e como ensinar aos sujeitos aprenderem. Enfatizamos nessa experiência, relatos com foco nos eixos temáticos dentro das disciplinas como: leitura, produção de texto, oralidade, Análises Linguística: Apropriação do sistema de escrita nesse caso a língua portuguesa.

Palavras-Chaves: Prática ensino, Gêneros Textuais, Sequência Didática.



Introdução:

As sequências didáticas constituem-se hoje, no ensino de língua portuguesa, uma excelente e eficaz ferramenta pedagógica para o desenvolvimento das práticas de oralidade, de leitura e de escrita na sala de aula.

No Brasil, o termo sequência didática apareceu pela primeira vez nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental como atividades sequenciadas e o conceito que lhes fora dado não se difere da proposta da Escola de Genebra:

São situações didáticas adequadas para promover o gosto de ler e privilegiadas para desenvolver o comportamento do leitor, ou seja, atitudes e procedimentos que os leitores assíduos desenvolvem a partir da prática de leitura: formação de critérios para selecionar o material a ser lido, constituição de padrões de gosto pessoal, rastreamento da obra de escritores preferidos, etc. (BRASIL, 1997, p.63)

Por isso também os contos fazem parte do conteúdo aqui sugerido para o trabalho de leitura, de escrita e de comunicação oral desenvolvido junto aos alunos.

Fundamentação Teórica:

A alfabetização e o letramento são, atualmente, temas que estão em constante discussão no meio educacional. A alfabetização – outrora vista como etapa em que o estudante aprenderia a ler e a escrever, codificando e decodificando códigos – com a incorporação dos conceitos sobre letramento, além de ser reconhecida como um período de vital importância para a criança, passou a ser encarada como uma fase em que não basta mais só saber ler e escrever. É necessário compreensão da leitura e aplicabilidade da escrita. Carvalho (2010, p.66), nos dá uma contribuição para entendermos melhor esta distinção entre ser alfabetizado e ser alfabetizado e letrado.

Uma pessoa alfabetizada conhece o código alfabético, domina as relações grafofônicas, em outras palavras, sabe que sons as letras representam, é capaz de ler as palavras e textos simples mas, não necessariamente é usuário da leitura e da escrita na vida social. Pessoas alfabetizadas podem, eventualmente, ter pouca ou nenhuma familiaridade com a escrita dos jornais, livros, revistas, documentos, e muitos outros tipos de textos; podem também encontrar dificuldades para se expressarem por escrito.

Estes tornaram-se requisitos fundamentais para a formação de um sujeito plenamente alfabetizado e letrado, um cidadão capaz de agir na sociedade. Neste contexto de novas exigências educacionais, é proposto o Pacto Nacional pela Alfabetização da Idade Certa (PNAIC). Trata-se de um programa do Governo Federal, o qual traz como um de seus fundamentos os Direitos de Aprendizagem.





Se a alfabetização é uma parte constituinte da prática da leitura e da escrita, ela tem uma especificidade, que não pode ser desprezada. É a esse desprezo que chamo de “desinventar” a alfabetização. É abandonar, esquecer, desprezar a especificidade do processo de alfabetização. A alfabetização é algo que deveria ser ensinado de forma sistemática, ela não deve ficar diluída no processo de letramento. (Soares,2003. P.1)



Este trabalho se justifica, na busca por compreender e identificar se os Direitos de aprendizagem no ciclo de alfabetização Língua Portuguesa, estão sendo atingidos e se os alunos realmente atingem o nível satisfatório de alfabetização e letramento a partir do trabalho com atividades que levem os alunos a desenvolver as habilidades e competências pertinentes a estes Direitos.

Descrição das Atividades:

Inicialmente organizei os alunos em um grande círculo. Fiz uma sondagem sobre o conhecimento prévio de cada um, diante o conto (Chapeuzinho Vermelho). Depois, fiz uma apresentação com uma boneca que se transforma em personagens. Os alunos demonstraram entusiasmo e sentiram motivos, no entanto, te dois alunos que não gostaram da apresentação. Todas as crianças vivenciaram a experiência e compartilharam as sensações.



Posteriormente, pedi para cada aluno escrever individualmente outra versão para o conto. Escolhemos um e coletivamente no quadro reajustamos para que esse fosse o texto do nosso produto final da sequência didática. Todas as crianças participaram e conseguiram oralizar sua contribuição para qualificar o texto. No outro dia, trabalhei o gênero Bilhete, o mesmo já tinha sido trabalhado durante o ano. Alguns alunos conseguiram entender a função do bilhete, outros não.



Outro dia, trabalhamos o gênero Cartaz, o qual foi exposto no quadro e coletivamente foi analisado. Com as informações trazidas. Fiz algumas perguntas oralmente. Em seguida, seguimos para o laboratório de informática, com a finalidade de assistirmos um filme que tem outra versão ao conto, que tem como título “Deu a Louca na Chapeuzinho”.

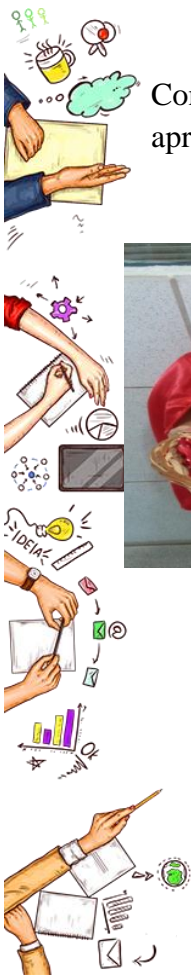


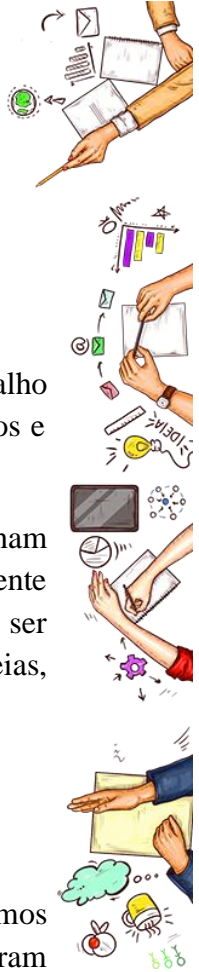
Foi trabalhado também o gênero Convite, coletivamente construímos um convite no quadro. Com o objetivo de convidar as outras turmas da Escola e todos que compõem para participarem, da apresentação da adaptação que teve como título “Chapeuzinho no Natal”.



No dia posterior,

trabalhamos o gênero Receita,





A sequência me possibilitou perceber como a inserção de algumas práticas diárias e o trabalho com gênero textual contribuíram para o desenvolvimento das habilidades linguísticas dos alunos e suas correlações entre a oralidade e a escrita.

As sequências didáticas são atividades que seguem métodos e procedimentos. Elas se tornam importantes no trabalho do professor porque permite aos alunos um aprendizado efetivo e eficiente dos gêneros textuais, levando-os ao domínio pleno da língua, já que é por meio dela que o ser humano se comunica, participa ativamente do meio social em que vive, expõe e defende suas ideias, adquire e constrói seus conhecimentos.

Avaliação dos Resultados:

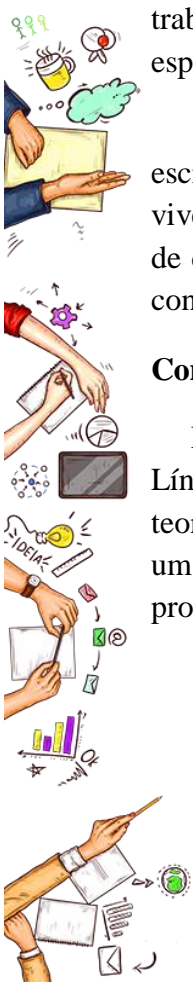
Após esta experiência na prática docente, compreendemos a importância de trabalharmos constantemente com esta diversidade textual até mesmo pelos resultados obtidos, em que mostram que a prática pedagógica sem o uso destes é muito comum nas salas de aula ainda e este fundamento do PNAIC, do trabalho com gêneros textuais deve ser inserido na alfabetização com bastante ênfase principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Portanto, a prática de leitura precisa ser vista como uma atividade essencial ao ser humano, enquanto construtor do seu próprio saber e transformador da sociedade, e escola e professores precisam ensinar aos alunos como desenvolver o prazer, o gosto pelo ato de ler e realizar um trabalho pedagógico que contribua para a formação de um leitor competente, tanto nas salas e no espaço escolar, como fora desses dois ambientes.

Sabe-se que a leitura não está restrita ao ato de ler livros e apenas decodificar o que ali está escrito; ela vai muito além, são as várias interpretações que fazemos diante de quaisquer situações vivenciadas por nós. Ler não é só um meio de interagir com os outros indivíduos e com as formas de cultura da sociedade, é também uma forma de o indivíduo se tornar mais consciente através do conhecimento, da compreensão e da interpretação do mundo em que vive.

Considerações Finais:

Este relato buscou discutir sobre os Direitos de Aprendizagem no ciclo de alfabetização – Língua Portuguesa, um tema relativamente novo no ciclo da alfabetização no Brasil, que surge no teor de um Programa, o PNAIC, que chama atenção para todo o sistema educacional brasileiro para um novo olhar sobre a aprendizagem na alfabetização e a um maior comprometimento dos profissionais que participam diretamente desta fase decisiva na vida escolar de nossas crianças.



Os conhecimentos sobre o gênero, as atividades de compreensão e produção textual criam uma aproximação aos gêneros estudados, mas que será ampliada na escrita de outros textos, produzidos com outros objetivos, em diferentes momentos. Trata-se de uma longa aprendizagem.

Ressalte-se, também, que a sequência didática é um instrumento dinâmico, ou seja, sua organização permite inserções de atividades de acordo com a observação do professor a respeito do desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos, seus conhecimentos prévios e suas experiências culturais.

Além disso, mesmo que a atividade apresente riqueza nas atividades propostas, nem tudo poderá ser previsto. Portanto, mais vale adaptar o trabalho à realidade dos alunos do que, forçosamente, dar lugar a uma aprendizagem tão sistemática quanto a que se tem em vista. Haverá situações em que os módulos só assumirão seu sentido completo no instante em que as atividades forem redefinidas em função das dificuldades encontradas pelos alunos na realização das tarefas.

